



Tavira, PORTUGAL
07 - 14 Nov 2010

4º Colóquio Interdisciplinar sobre Provérbios

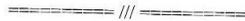
4th Interdisciplinary Colloquium on Proverbs

DANIEL, Toma Titus (2007): "Prietenia și singurătatea – fenomene psihosociale",
opinforeview.blogspot.com/.../prietenia-i-singuratatea

Curriculum vitae

Teacher of Latin Language at the high school, of French language at the General School, corrective teacher at the Special School, associated professor at the Faculty of Philology of The University "A.I.Cuza" Iassy, Romania, at the private University "Mihai Eminescu", professor in the International Scientific Academy "AIS", authorised translator of Arab language and literature, main researcher in special psycho pedagogy at the Institute of Recuperation and Special Education, Bucharest, teaching Romanian Language and Culture in the Lisbon University, The Faculty of Letters since 2007 until 2011.

The domains of research: Romanian grammar: contrastive and comparative linguistics, psycholinguistics, mathematical linguistics, consonantics, applied linguistic, Publications: 12 books (on linguistics, translations from arab, textbooks, a Romanian-Arab dictionary), and over 60 articles in these domains.



"AQUELE QUE PROCURA DEUS É MASCULINO" - A ANULAÇÃO DO SEXO NO PROVÉRBIO SUFI (UMA APROXIMAÇÃO COM O "EVANGELHO DE TOMÉ")

Natália Maria Lopes NUNES, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal

Resumo

No Sufismo, corrente mística do Islão, não existe diferenciação entre homens e mulheres, visto todos estarem no Caminho que leva à união com Deus. Além disso, algumas suras do Corão remetem para a igualdade entre os sexos.

No "Evangelho [apócrifo] de Tomé", quando é questionada a entrada de Maria Madalena no reino dos céus, por ser mulher, Jesus responde que ele próprio a impulsionaria para que se tornasse varão, porque qualquer mulher que se tornasse varão entraria no Reino dos Céus.

Deste modo, verifica-se que existe uma ideologia semelhante entre o Sufismo e alguns evangelhos apócrifos, de entre eles, o "Evangelho de Tomé". É neste contexto que se inserem também as mulheres que seguiram a via mística do Sufismo, como por exemplo Rābi'a al-'Adawiyya (ou Rābe'ah).

Assim, "ser masculino" apenas significa que existe um carácter andrógino e todo aquele que busca Deus é um homem do Caminho, não havendo diferenciações de sexo. "Ser homem" é apenas um símbolo da entrada na vida ascética e espiritual que separa o místico (homem ou mulher) do homem comum.

Os versos de Farid-ol Din'Attār a propósito de Rābi'a al-'Adawiyya ilustram bem a exaltação da mulher na mística sufi:

*Ella no era solo una mujer, sino igual a cien hombres,
Envuelta totalmente en el regazo del dolor.
Borrada día y noche en el fulgor divino,
Y, libre de cualquier contingencia superflua, inmersa en la Verdad.*

palavras-chave: Sufismo, mística, mulher, Rābi'a al-'Adawiyya, Maria Madalena, Ibn 'Arabi.

Esta comunicação desenvolveu-se a partir de um provérbio sufi que diz que "aquele que procura Deus é masculino", verificando-se que existe uma anulação do sexo, aproximando o provérbio da ideologia veiculada num dos evangelhos apócrifos, o Evangelho de Tomé. Na mística cristã, essa anulação era frequente e, para isso, basta lermos algumas hagiografias ou lendas de santos (Santo Onofre, Santa Pelágia, etc). No Sufismo, corrente mística do Islão, não existe também diferenciação entre homens e mulheres, visto todos estarem no Caminho que leva à união com Deus. Algumas suras do Corão remetem precisamente para a igualdade entre os sexos.

A quarta sura intitula-se An-Nisa ("A Mulher"), onde são apresentados os direitos e obrigações das mulheres, no entanto, as referências são generalizadas e sem indicação de nomes. De entre os escassos nomes que surgem em outras suras ao longo do Corão, aparecem os de Eva e de Maryam (ou Maria), a mãe de Jesus. Esta última era (e é) muito prestigiada pelos muçulmanos, visto ter sido a mãe de Cristo, este, considerado um dos profetas do Islão. Por outro lado, a partir de outras suras do Corão e de determinados hadits do profeta Maomé, verifica-se que existe uma igualdade entre homens e mulheres, embora na vida quotidiana nem sempre fosse (ou tenha sido) respeitada. Relativamente à Idade Média, a mulher teve um papel importante na transmissão do saber, sobretudo no al-Andalus. Aí, ela era detentora de sabedoria e gozava de um estatuto superior em comparação com os restantes países muçulmanos, principalmente as mulheres que não eram casadas, de entre elas, as escravas, mulheres de elevado prestígio. Saliente-se ainda que no al-Andalus muitas mulheres foram poetisas de renome, como por exemplo Wallada, uma princesa omíada. Como afirma François Géral, a partir dos estudos de Ribera:

La présence de la femme au sein de l'univers du livre et des bibliothèques fut en Espagne plus marquée qu'ailleurs. Non seulement certaines d'entre elles accédaient à ce qu'on peut appeler l'enseignement supérieur, mais on en trouve au cœur même de la bibliothèque califale [...]. On sait également qu'une certaine Aïxa, issue d'une famille aristocratique et célibataire endurcie, possédait une des meilleures bibliothèques de Cordoue. (Géral 2006: 31)

Por outro lado, há ainda a destacar a mística muçulmana, o Sufismo, onde a mulher teve igualmente um papel preponderante. Assim, a presente comunicação parte do estudo do provérbio sufi “O que procura Deus é masculino”^c da referência das mulheres que mais se distinguiram na mística sufi, demonstrando a sua importância na espiritualidade muçulmana, tal como se verificou também na mística cristã, nomeadamente no evangelho apócrifo já mencionado.

Mas eis que, antes de continuarmos, se coloca a seguinte questão: o que é o Sufismo? Em breves palavras, o Sufismo, corrente mística do Islão, desenvolveu-se desde o século VII, mas surge historicamente no Iraque no século VIII, nomeadamente em Bagdad e Bassora. As primeiras confrarias surgem no século XII, como por exemplo, os Mevlevis, em Konia, com Jalāl ad-Dīn Rūmī. A corrente mística teve (e ainda tem) por base os rituais corânicos, de entre eles, as reuniões regulares para a prática da meditação e as cerimónias místicas, como por exemplo, a dança. No Sufismo, a poesia (e dança) é o veículo principal da mística islâmica. Através da linguagem poética o sufi acaba por fundir-se na própria linguagem como se fundisse com Deus.

A origem da palavra Sufismo tem várias interpretações. Uma delas, deriva do vocábulo *saf* que significa puro, ou do vocábulo *suf* que remete para a vestimenta de lã usada pelos primeiros seguidores de Maomé. O sufismo é considerado uma prática ascética através da qual se estabelece o verdadeiro conhecimento da entidade divina através da iluminação.

Os contos e a poesia foram as vertentes literárias que melhor divulgaram as práticas e os ensinamentos dos sufis. Os contos, apesar de serem narrativas muito curtas, têm subjacentes verdades, conhecimentos e moralidades. Os poemas foram, igualmente, um veículo de transmissão importantíssimo da sabedoria sufi, assim como alguns provérbios.

Relativamente ao Sufismo, o número de mulheres sufis é grandioso e muitas delas tiveram um papel de destaque, não apenas pela vida ascética que levaram, mas também pelos milagres operados e pelo facto de, em alguns casos, serem mestres espirituais de Ordens sufis, ou de homens que seguiram os seus ensinamentos. Na Idade Média, de entre as diversas mulheres sufis, referimos as seguintes: Rābi'a al-'Adawiyya de Basra; Rābi'a da Síria; Tahiyah Nawbiyah do Egipto; Jansā, filha de Jaddām de Yemen; 'Āisha de Meca; Labābah mot'abedah de Jerusalém; Māmā'Esmat de Konya; Malika, filha de Monkader de Medina; Nafisa de Meca; Bibi Hayāti Hermāni, poetisa e mística de Kermān (Irão). Destacamos ainda algumas mulheres sufis do al-Andalus: Shams de Marchena de los Olivos, uma das místicas da qual nos dá testemunho o grande místico sufi do al-Andalus Ibn 'Arabī; Fátima Bint al-Muthanna de Sevilha, também ela referenciada por Ibn 'Arabī. Na região respeitante ao Gharb

al-Andalus teriam existido certamente mulheres ligadas ao Sufismo, mas até agora não encontramos indicações sobre a sua existência. Por exemplo, no caso de Shilbia, de Silves, poderá ter sido uma mística, no entanto, sabe-se apenas que era poetisa.

De entre as mulheres sufis, salientamos uma das primeiras místicas do Islão, Rābi'a de Basra, sufi do século VIII e Fátima Bint al-Muthanna de Sevilha, mulher mística do século XIII, considerada a “mãe espiritual” de Ibn 'Arabī.

Ibn 'Arabī, em algumas das suas obras, de entre elas, *Vidas de Santones Andaluces* refere a importância de Fátima Bint al-Muthanna na via ascética:

Vivía en Marchena de los Olivos y la fui visitar muchas veces. No he encontrado, entre los hombres de Dios, quien se asemejara a esta mujer en el fervor con que mortificaba su propia alma. Fué grande en sus ejercicios ascéticos y en sus revelaciones místicas. Mujer fue de corazón fuerte, de nobles aspiraciones y de gran discreción. Guardaba bien en secreto sus estados místicos; pero, eso no obstante, algo de ellos me comunicó en secreto, por la privanza con que me distinguía, y de ello me holgué. (Ibn 'Arabī, 1933: 180-181)

Pela citação, assim como em toda a obra de Ibn 'Arabī (e de outros místicos sufis, de entre eles al-Rūmī), comprova-se que determinadas mulheres tiveram uma função importante no acesso à via espiritual. Citando Annemarie Schimmel: «Dans l'univers des concepts d'Ibn 'Arabi, la femme représente l'objet le plus noble, le plus sublime des désirs d'un homme, elle associe des caractères actifs et passifs masculins et féminins et devient l'incarnation du divin». (Schimmel, 2000: 127)

A mística muçulmana, como já referimos inicialmente, foi seguida por diversas mulheres que, abandonando a vida profana, optaram pela via mística na procura da união com Deus. Essa união surge de forma metafórica na analogia entre a amada e a Kaaba e, na Idade Média, foram muitos os poetas que utilizaram esta simbologia. Como afirma Annemarie Schimmel:

Des écrivains et des poètes du Moyen Âge comparèrent à maintes reprises – surtout en relatant leurs expériences pendant le pèlerinage – le plus grand sanctuaire de l'Islam à une fiancée voilée ou une vierge ardemment désirée pour laquelle on entreprend volontiers le dangereux voyage à travers le désert: on espère pouvoir la toucher et pouvoir embrasser son «grain de beauté», la pierre noire. (Schimmel, 2000: 121)

Deste modo, verifica-se que as mulheres têm um papel fulcral na via espiritual, nomeadamente no caminho e na procura da união sagrada. Elas estão ao mesmo nível que os homens, não havendo distinções entre sexos. O provérbio “O que procura Deus é masculino” realça precisamente a função da mulher na mística muçulmana, demonstrando que todo aquele que procura Deus (seja homem ou mulher) é um “Homem do Caminho”. Neste

contexto, o vocábulo “Caminho” deve entender-se como a via que leva à Verdade, não havendo distinções entre homem/mulher, ou entre um eu/tu, pois nesse Caminho não faria sentido a existência de sexos diferentes. Além disso, a mulher é considerada um perfeito exemplo da criação divina. Como refere Camille Adams Helm:

Within Sufism, however, women and men have always been respected as equals on the spiritual path. Everyone is expected to establish his or her own direct connection with the divine, and women are no different from men in this capacity [...].

Rumi often speaks beautifully of the feminine, presenting woman as the most perfect example of God's creative power on earth. As he says in the Mathnawī, "Woman is a ray of God. She is not just the earthly beloved; she is creative, not created." (Helm) ¹

No Sufismo é essencial perceber bem essa anulação dos sexos como uma espécie de androginia, tal como se expressa também no Evangelho de Tomé. Neste evangelho (manuscrito copta do século V, cujos fragmentos gregos datam aproximadamente do ano 150), Simão Pedro pediu que Maria sáisse do seu meio, visto as mulheres não serem dignas de vida. Porém, a resposta de Jesus é muito curiosa: «Jesus disse: Olhai, eu mesmo a impulsionei para que se torne varão, para que chegue também a ser um espírito (pneúma) vivente semelhante a vós, os varões; porque qualquer mulher que se torne varão, entrará no reino dos céus». (Piñero; Torrentes; Bazán, 1999: 98)

Contudo, neste evangelho, Jesus apela ainda à unidade entre masculino e feminino como condição de entrada no Reino dos Céus. O aspecto referido remete para a androginia, para o uno:

Jesus disse: Quando fizeres dos dois um e fizerdes o interior como o exterior e o exterior como o interior e o de cima como o de baixo de modo que façais o masculino e o feminino num só, para que o masculino não seja masculino nem o feminino seja feminino; quando fizerdes olhos em lugar de um olho e uma mão em lugar de uma mão e um pé em lugar de um pé, uma imagem (eikon) em lugar de uma imagem, então entrareis [no Reino]. (Piñero; Torrentes; Bazán, 1999: 86)

Maria Madalena, associada à Sabedoria é, simbolicamente a consorte, a parte feminina da androginia. Ela é o *yin*, o princípio feminino, representação simbólica da Lua, da Água, da Terra - carácter intuitivo e de interiorização na mulher; ele (neste caso, Jesus) é o *yang*, o princípio masculino, representação simbólica do Sol, do Fogo, do Céu - carácter expansionista do homem. Citando Carmen Bernabé Ubieta:

Ella es vista como la parte femenina del andrógino original, cuya reunificación realiza Cristo, por eso está tan cerca de él. Pero no puede ponerse en duda que es, sólo a partir del personaje histórico

y su importancia, como se ha podido construir la simbolización que se descubre en esta obra, y que se expresa en lenguaje y metáforas sexuales. (Ubieta, 1994: 210)

A androginia remete ainda, a nível alquímico, para as “núpcias alquímicas” em correlação com a câmara nupcial apresentada no Evangelho de Filipe. A união simbólica com Jesus (à semelhança das hierogâmias das antigas civilizações) dá-se através da fusão dos opostos, aquilo a que M. Eliade apelida (partindo das fórmulas latinas dos alquimistas) de *coincidentia oppositorum*. Maria Madalena torna-se, assim, a esposa mística, característica que vai reflectir-se em diversas mulheres que seguiram a via mística.

O princípio masculino é representado pelo enxofre e o princípio feminino pelo mercúrio. A Pedra Filosofal, também denominada REBIS, remete para a androginia hermética. Este aspecto está igualmente presente na mutação a ser operada em Maria Madalena (representação do feminino) ao transformar-se em varão (representação do masculino) para poder entrar no Reino dos Céus. A sua perfeição apenas se atinge pela transformação. Ela perderá o seu carácter lunar, imperfeito e negativo para atingir o céu (forma de purificação): Assim, à semelhança do Cristianismo, ainda que por via apócrifa ou gnóstica, a mulher, tal como Maria Madalena, é um “Homem de Deus” que tem acesso ao Reino dos Céus. Este aspecto contrapõe-se às imagens negativas sobre a mulher veiculadas pelo Cristianismo a partir da imagem de Eva (e da mulher em geral) como símbolo do mal, da beleza enganadora que conduz o homem à perdição, afastando-o do caminho de Deus. Porém, os evangelhos apócrifos, algumas biografias e hagiografias de mulheres místicas cristãs e muçulmanas demonstram precisamente o contrário.

Contudo, o caminho de Deus pressupõe o afastamento dos prazeres mundanos, vivendo como Rābi'a que, pelo seu modo de vida ascética e de união com Deus, superou muitos homens.

Citando Dr. Javad Nurbakhsh:

Al citar los nombres de algunos de los grandes santos del sufismo, desde los albores del Islam hasta nuestros días, estará sin duda el de Rābe'ah entre ellos. Para demostrar su categoría excepcional. Basta decir que la excelencia de su prudencia (*taqwā*), de su gnosis (*ma' refat*) y de su auto-control ascético (*zohd*), han convertido a Rābe'ah, prácticamente, en un símbolo de santidad entre las mujeres sufíes. Su perfección y las virtudes de su alma fueron tan superiores a las de muchos de los últimos santos sufíes que se la conocía como la “Corona de los hombres” (*Tāq al-re'ā*). (Nurbakhsh, 1999: 21)

A infância de Rābi'a não foi fácil: ficou órfã muito jovem e, segundo os relatos de Attār, foi vendida como escrava. No entanto, perante a sua vida de oração, de jejum e de vigília, o seu amo acabou por libertá-la, pois para ele uma mulher com características tão piedosas não

poderia ser mantida em escravidão. Já liberta, recusou sempre o matrimónio, levando uma vida devota, de pobreza, abstinência, jejum e oração. Foram-lhe ainda atribuídos diversos milagres: tinha a capacidade de se deslocar nos ares sobre o seu tapete de oração; na peregrinação que fez a Meca, a própria Kaaba se dirigiu até ela; as pontas dos seus dedos brilhavam como lâmpadas na escuridão, etc.

Por outro lado, a sua vida foi exclusivamente dedicada a Deus, o seu Amante, o esposo divino por quem sentia um amor ardente. Assim, ela foi a asceta e a amante mística, cujo objectivo primordial era a união com Deus (última etapa da mística sufi). É neste caminho espiritual da mística sufi que existe igualdade entre homens e mulheres. O próprio Attār (também ele um sufi) chegara a afirmar que a mulher que segue o caminho de Deus como um homem, não pode ser chamada de mulher, porque na união com Deus, na contemplação da Beleza Divina, do Amado, não existem diferenças de sexo, razão que explica a existência do provérbio sufi que intitulou esta comunicação.

Neste sentido, alguns dos poemas de Rābi'a reflectem esse amor ardente que ocupa o coração do místico, seja ele homem ou mulher, Deus é a sua única preocupação. Como refere Rābi'a num dos seus poemas:

Oh, Dios mio, lo único que me ocupa,
mi único deseo en este mundo,
más allá de todo lo creado,
es Tu recuerdo.
Y, en el otro mundo, el anhelo del encuentro,
poder estar sólo contigo.
Ése es mi afán, pero Tú, haz Tu voluntad. (Rābi'ah Adawiyta, 2006: 117)

Contudo, Rābi'a não foi apenas a amante mística, ela foi também a gnóstica, cuja sabedoria e conhecimento a tornou mestre de muitos homens e mulheres. À semelhança desta mulher sufi, existiram outras mulheres que foram mestres espirituais e Ibn 'Arabī testemunha essa mesma realidade através das suas obras. Shams, a conhecida mãe dos pobres (de Marchena de los Olivos), segundo Ibn 'Arabī, era uma das principais místicas do al-Andalus. Os seus conhecimentos e poderes intuitivos fizeram dela uma mulher de grandes dons e uma grande mestre do seu tempo.

Ainda segundo os testemunhos de Ibn 'Arabī, Fátima Bint al-Mothanna de Sevilha foi uma mística que se destacou pelo seu ardente amor por Deus. A sua influência espiritual teve um papel importante na época. Como afirma Dr. Javad Nurbakhsh:

En otro de sus libros, Ibn 'Arabī da la siguiente descripción de Fátima:

Aunque Dios le ofreció su Reino, su amor diciendo: "Tú lo eres todo, y todo lo demás es poco propicio para mí". Su devoción a Dios era profunda. Los que la miraban superficialmente, decían de ella que era tonta. Yo afirmo: Tonto es aquel que no conoce a su Señor". Era realmente una bendición para el mundo. (Nurbakhsh, 1999: 130)

Neste sentido, homens e mulheres que sigam a via mística, e como já o afirmava o sufi Attār, uns e outros deixam de ter existência própria, razão pela qual a mulher se torna um "homem de Deus". Porém, esta anulação do sexo feminino articula-se também com o conceito islâmico de *nafs*, ou seja, o ego, os instintos humanos ligados aos bens materiais e aos desejos carniais com os quais a mulher está conotada, quer na mística islâmica, quer na mística cristã, visto o sexo feminino ser considerado uma das manifestações da *nafs*. No entanto, a partir do momento em que a mulher (e o homem) deixa de estar aprisionada no seu ego e caminha numa via superior, ela deixa de ser impura, tomando-se um "homem de Deus". Citando Annemarie Schimmel:

Presque toutes les héroïnes des récits mystiques et épopées sont finalement des représentations de la *nafs*, cette métaphore exprimant que la femme peut évoluer vers quelque chose de supérieur, que ces être si impurs à l'origine peuvent devenir de véritables « hommes de Dieu » et ainsi atteindre leur but en tant qu'âme apaisée. (Schimmel, 2000: 83)

Em conclusão, quer na tradição apócrifa cristã, quer na tradição muçulmana, é propagado o ideal do "homem" cuja virilidade se reflecte na imagem de Maria Madalena e de Rābi'a, as primeiras místicas das tradições acima referidas. Como afirma Annemarie Schimmel: «Les mystiques, cependant, savaient très bien qu'une femme qui suit le chemin de Dieu n'est pas une fille d'Ève mais un «homme», comme il le fut dit d'abord au sujet de Rābi'a». (Schimmel, 2000: 91)

Por outro lado, desenvolvemos o tema desta comunicação a partir de um provérbio sufi "O que procura Deus é masculino" e terminamos com outro provérbio sufi de origem turca que tem subjacente a mesma ideologia: para os que caminham no amor de Deus e para os verdadeiros crentes, não existem diferenças entre sexos. Assim, e como refere o provérbio (erheh arslan da arslan disi arslan arslan degilmi?) "um leão macho é um leão; então um leão fêmea não seria um leão?"

Nota

1. Camille Adams Helm, "Women & Sufism", in <http://www.rumimevlevi.com/en/authors-society/150-quest-author/2616-women-a-sufism>, pgs. 5-6.

Referências

- GEÁL, François; AILLET, Cyrille, 2006, *Regards sur al-Andalus: VII-VIII siècle*, vol. 94, col. «Casa Velásquez», Casa Velásquez, Paris: Éditions Rue d'Ulm.
- HELM, Camille Adams, "Women & Sufism", in <http://www.ruminevlevi.com/en/authors-society/150-quest-author/2616-women-a-sufism> (consultado em 7 de Outubro de 2010).
- IBN 'ARABÍ, in PALACIOS, Miguel Asín, *Vidas de Santos Andaluces. La «Epístola de la Santidad» de Ibn Arabí de Murcia*, 1933, col. «Escuelas de Estudios Árabes de Madrid y Granada», Madrid: Imprenta de Estanislao Maestre, Edición Facsímil, Editorial Maxtor.
- NURBAKSH, Dr. Javad, *Mujeres Sufies*, 1999, s/l, Edición Española: "Centro Sufi Nematollahi", Ediciones Nur.
- PIÑERO, António; TORRENTES, José Montserrat; BAZÁN, Francisco García, *Evangelhos Gnósticos - BNH II: Evangelhos, Actos, Cartas*, 1999, trad. Luís Filipe Sarmento, col. «Biblioteca de Nag Hammadi II», Lisboa: Esquilo.
- RÁBĪA AL-'ADAWIYYA, 2006, *Dichos y Canciones de una Mística Sufi (siglo VIII)*, ed y trad. de María Tabuyo Oetega, col. «Los Pequeños Libros de la Sabiduría», Barcelona: José J. de Olañeta, Editor.
- SCHIMMEL, Annemarie, *L'Islam au Féminin. La Femme dans la Spiritualité Musulmane*, 2000, trad. Sabine Thiel, col. «Spiritualités Vivantes», Paris: Albin Michel.
- UBIETA, Cármen Bernabé, *Maria Magdalena - Tradiciones en el Cristianismo Primitivo*, 1994, col. «Institución San Jerónimo/27», Navarra. Editorial Verbo Divino.

Curriculum Vitae

Natália Maria Lopes Nunes, professora, licenciada em Estudos Portugueses e Franceses, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; mestre em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa – Época Medieval, pela Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas; Curso de Doutoramento em Ciências Literárias, pela Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas; doutorada na área de Línguas e Literaturas Românicas, especialidade em Literatura Portuguesa Medieval, pela Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Actualmente, investigadora de Pós-Doutoramento no Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com o projecto intitulado "A Literatura Profana e Mística no Gharb al-Andalus".

Autora de *Formas do Sagrado e do Profano na Tradição Popular – Literatura de Transmissão Oral em Margem (Concelho de Gavião)* (Edições Colibri) e de diversos artigos publicados em revistas e actas de congressos; co-autora de *Santuário de Nossa Senhora de Brotas – Religiosidade Popular no Alentejo* (Edições Colibri).

Na Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, é membro integrado do IELT (Instituto de Estudos de Literatura Tradicional), colaboradora do IEM (Instituto de Estudos Medievais e do CEL (Centro de Estudos sobre o Imaginário Literário; sócia da APEC (Associação Portuguesa de Estudos Clássicos), da APERLEG (Associação Portuguesa para o Estudo das Religiões) e da AIP-IAP (Associação Internacional de Paremeologia).

Áreas de interesse: literatura do al-Andalus, literatura medieval, literatura tradicional e oral, literatura da Antiguidade, religiões comparadas, mística, religiosidade popular, culto das relíquias.

Contacto

Natália Maria Lopes Nunes
Largo Marquês de Pombal nº 6
2835-704 Santo António da Charneca – Barreiro/PORTUGAL
Telefone: +351 91 0487754
Email: nlunes@hotmail.com

===== /// =====

O PROJECTO LAÇO SOCIAL E A "PEDAGOGIA DO PROVÉRBO"

Maria da Conceição Cosme da Silva ROLO, Centro de Estudos e Recursos de Literatura e Literacia, Portugal

Resumo

Pedagogia das Amas, Pedagogia dos Intercâmbios, Pedagogia do Projecto, Pedagogia da Diferença e da Tolerância, Pedagogia da Autonomia, da Indignação, dos Sonhos Possíveis ...

Por que não Pedagogia do Provérbo?

Convidados, neste ano Internacional de Erradicação da Pobreza, a relatar o Projecto Laço Social que desenvolvemos, em múltiplas vertentes, numa zona deprimida da cidade de Lisboa, fizemos o exercício, da voz para a nascente, de procurar que provérbios balizam e ancoram o nosso agir.

E a verdade é que encontramos muitos! Alguns que conhecíamos e usávamos amiúde para falar do assunto, como: "É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança" (Provérbo Africano).

E outros descobertos na web, quando nos vimos a braços com o desafio de apresentar uma comunicação neste Colóquio, como "De livro fechado não se sai letrado" ... ou "Não dá quem tem ... Dá quem quer bem" que une e parece resumir a filosofia de um grupo apostado em ajudar a concretizar aspirações de uma população pobre e desagregada ...

População muito distante da cultura letrada veiculada pela Escola ... o que coloca as suas crianças em grave risco de insucesso, abandono escolar e exclusão social ... e que legitimamente deseja um futuro melhor para os filhos.

Trata-se de uma equipa de voluntários nacionais e estrangeiros, velhos e jovens, que ou já saíram da vida activa ou ainda nela não engrenaram e que consagram o seu tempo a tarefas que podem ajudar a deter a reprodução da pobreza e até a quebrar os seus ciclos ...

Na liderança do Projecto, encontram-se vários professores que sempre "quiseram bem" aos seus alunos (na linha de Sebastião da Gama) e que, confirmados pelo PISA 2000, e pelos "segredos do sucesso da Finlândia", nas suas convicções pedagógicas, procuram agora, transmitir a experiência acumulada aos seus colegas mais novos.